

December 13, 1982

Note from Brazilian Congressman Herbert Levy

Citation:

"Note from Brazilian Congressman Herbert Levy", December 13, 1982, Wilson Center Digital Archive, Brazilian National Archives
<https://wilson-center-digital-archive.dvincitest.com/document/121353>

Summary:

This is a letter written by Brazilian Congressman Herbert Levy which reveals the content of his meetings with high U.S. governmental officials regarding his concern about Argentina's nuclear activities less than a year after the Falklands/Malvinas War. In these conversations, Levy states that Argentina might develop a nuclear artifact.

Credits:

This document was made possible with support from Carnegie Corporation of New York (CCNY)

Original Language:

Portuguese

Contents:

Original Scan
Translation - English

Nova York, 13 de dezembro de 1982.

Em Brasília, no dia 19 de dezembro, participei do grupo de parlamentares convidado para avistar-se com o presidente Ronald Reagan, no Palácio da Alvorada. Informado de que o encontro ia ser coletivo, procurei contato com o juiz William Douglas Clark, principal assessor para assuntos de segurança do Presidente, com status de Ministro de Estado. Já o financista David Rockefeller, com quem conversei longamente dias antes, ao sairmos de um almoço íntimo a ele oferecido por Paulo Villares, conhecido industrial brasileiro e membro do board do Chase Bank, havia-me recomendado que era mais importante conversar sobre o assunto com Clark, do que com o próprio presidente, que a ele transferiria a questão de qualquer modo.

O próprio William Douglas Clark sugeriu que conversássemos numa oportunidade que a entrevista do presidente proporcionasse. Como o encontro coletivo não oferecesse maior interesse, o juiz Clark e eu passamos para uma outra sala do Alvorada e eu lhe fiz uma exposição completa do assunto. Ele ouviu-me atentamente. Disse-lhe que se tratava de uma iniciativa pessoal minha mas que o ministro de Estado mais próximo do Presidente dela tinha conhecimento pleno bem como um chefe militar da minha amizade, merecedor do acatamento dos seus colegas.

Expliquei que, por ora, entendia conveniente limitar-me a esses contatos na área civil e militar, deixando depois à discrição do presiden-

HERBERT V. LEVY
DEPUTADO FEDERAL

Cópia de um documento de arquivo

-2-

te Figueiredo e dos chefes militares os passos a dar em seguida, caso encontrássemos a acolhida necessária por parte dos americanos com autoridade para resolver o assunto. Disse-lhe que sabia da complexidade da matéria para eles e que não esperava manifestação pronta da sua parte mas que estaria em Washington no dia 9 de dezembro e gostaria de ter os contatos que ele considerasse úteis.

Informei que já havia exposto o assunto ao general Vernon Walters, com o qual tivera relações pessoais quando adido militar em Brasília, na mesma ocasião em que meu sobrinho Robert Dean era ministro conselheiro. Na verdade eu havia remetido uma carta bastante explicativa a meu sobrinho, que a enviou por sua vez a Walters. As relações de ambos estreitaram-se recentemente por que uma filha de Dean (este casado com Doris May, brasileira, filha de minha irmã Wanda, já falecida) havia desposado um sobrinho do gen. Walters.

Alguns dias depois de ser avisado por telefone por Dean de que a carta fôra remetida a Washington, telefonei ao gen. Walters que me acolheu com simpatia, dizendo-me que Dean lhe telefonara mas que a carta com o meu relatório sobre o assunto, não lhe chegara ainda às mãos. Telefonei novamente dias depois. Ele voltou a falar só em português e quando lhe disse que no dia 9 estaria em Washington ele prontificou-se a receber-me na hora que quizesse no State Department e que me levaria a Richard Kennedy, que era o sub-secretário de Estado e não um sub-secretário e encar -

-3-

regado dos assuntos atômicos. Era também o representante dos Estados Unidos na International Atomic Energy Agency. Antecipou-me, porém, que lhe parecia difícil poderem ajudar-nos por causa das disposições legais e que, até agora, o Brasil não assinara ainda o tratado de não proliferação. Disse-lhe que esta seria a chave para um amplo entendimento Brasil-EE.UU. e que, resolvido o problema que lhe expuzera, era óbvio que até nossa presença nesse tratado seria, no meu entender, possível.

Mas voltando ao juiz William Clark, quando terminei minha exposição ele não se manifestou, mas conduziu-me à sua sala de trabalho instalada no Alvorada, determinando à sua secretária Mrs. Hill que marcasse já uma audiência para mim, no dia 9, em Washington, com o General Richard T. Boverie, Director of Defense Programms no Conselho de Segurança Nacional, com a participação também do sr. Svend Kraemer, que entendi ser conselheiro de alto nível.

Posteriormente, ainda no dia 19 de dezembro, no jantar ao presidente Reagan, no Itamaraty, encontrei com o sr. William Clark, ficando com a inequívoca impressão, de que havia apreciado nossa conversa, pela atitude simpática que demonstrou. Isso se confirmou em Washington porque o General Boverie e mais dois companheiros receberam-me com demonstrações de simpatia e respeito, que só poderia atribuir às informações transmitidas por Clark. Devo acrescentar que entreguei

-4-

a este, em Brasília, o texto em inglês transmitido pela B.B.C. que revelava em detalhes o auxílio recebido pela Argentina por parte de um ex-refugiado nazista, Knarr, o qual após dez anos de permanência na Argentina, onde ajudou na produção de armamentos e na pesquisa atômica, foi chamado de volta à Alemanha no governo Strauss para dirigir fábrica de armamentos e, para demonstrar sua gratidão, enviara clandestinamente a esse país um laboratório completo de pesquisas adiantadas sobre o enriquecimento de urânio, o que deu à Argentina bom avanço nesse terreno.

Washington

Em Brasília, no jantar a Reagan, o embaixador Azeredo da Silveira sentou-se na mesma mesa que eu. Não pretendia de nenhum modo introduzi-lo no assunto, pois toda a discrição era pouca. Mas não pude deixar de lhe dizer que iria a Washington no dia 9 pois iria saber e ficaria sentido se não o procurasse. Disse-me desde logo que fazia questão de que almoçasse com ele na residência oficial. Ponderei que teria um horário apertado mas ele assegurou que adotaria o almoço ao meu esquema.

De Dallas confirmei minha ida e o almoço, tendo ele a gentileza de enviar-me um carro juntamente com o secretário Carvalho para ficarem à minha disposição. Sai mal fôra servida a sobremesa devido a estar marcado o primeiro encontro com o gen. Walters às 14.15, pedindo ex-

-5-

cusas por agir como cachorro magro. De Dallas não só reconfirmei esse encontro, como o gen. Boverie marcou-me a hora que me conviesse, acertando comigo às 15,30.

O primeiro encontro foi no New State Department, no gabinete do general Walters, nº 6313. Ele me recebeu com efusão e só falando em português.

Tive demonstração do seu grande prestígio como embaixador itinerante do presidente Reagan, porque ao invés de levar-me para a sala do sub-secretário Kennedy, telefonou a este, que aparentemente já aguardava a convocação, pedindo-lhe para chegar à sua sala e encontrar-se comigo.

O sub-secretário Richard Kennedy é uma figura simpática, com a cabeça toda branca, aparentando 65 anos ou mais.

Repeti a eles a exposição que havia feito ao sr. William Clark em Brasília e que passo a registrar:

- " Em dezembro de 1944, estava em Buenos Aires e participei de um almoço com o meu sogro, professor de Direito Waldemar Ferreira e o Vice-Presidente da República Argentina, professor Leopoldo Melo, amigo de dr. Waldemar. Ele nos disse que nós brasileiros havíamos assumido a atitude correta lutando ao lado das forças aliadas, que iriam ganhar a guerra e receberíamos as recompensas morais, políticas e econômicas resultantes de nossa posição. Ao passo que eles, na Argentina, (a cinco meses do fim da guerra) tinham chefes militares firmemente posicionados ao lado dos nazistas e que ainda acreditavam na vitória destes, devido a armas secretas que estavam em preparo.

HERBERT V. LEVY

DEPUTADO FEDERAL

-6-

- " Terminada a guerra, fôra um fato notório que a Argentina se transformou em refúgio dos líderes nazistas. Entre eles estava o especialista em explosivos, Walter Schnurr.

- " Com a eclosão da guerra das Malvinas (Falklands) a B.B.C., em programa irradiado no dia 22 de abril de 1982 (cuja íntegra, em inglês, foi-me fornecida pelo embaixador em Brasília, meu amigo pessoal) dá notícia detalhada da cooperação alemã para a pesquisa nuclear na Argentina. Note-se que o " Estado de S. Paulo " ao publicar um resumo da denúncia da B.B.C. informou que ela causou sensação na Alemanha Ocidental mas que, ao invés de desmentidos, a respeitada revista Das Spiegel confirmou plenamente sua procedência.

No exemplar original que forneci aos meus interlocutores em Washington, assinalei algumas passagens significativas, que traduzo: " Novelas e filmes de espões transformaram o élo nazista com a America do Sul em algo como uma brincadeira de mau gosto, mas no caso da Argentina esse elo foi muito real e as consequencias nucleares são hoje muito imediatas e potencialmente muito perigosas "

" - O antigo perito em explosivos Walter Schnurr, durante a guerra dirigiu fábrica de armamentos em Christiantadt, hoje território polonês. Depois da guerra recusou-se a permanecer na Alemanha ocupada e não nazista e voou para a Argentina, onde se juntou a outros refugiados alemães na ten-

-7-

tativa de construir a força militar e industrial do país. Ele permaneceu na Argentina por uma década, trabalhando em explosivos para Peron e então voltou à Alemanha a convite de Franz Joseph Strauss, desde 1955 seu primeiro ministro, para ficar diretor científico do novo centro alemão de pesquisas nucleares, situado em Karlsruhe."

A seguir a reportagem da B.B.C. esclarece que Walter Schnurr lançou-se energicamente à tarefa de firmar os controvertidos laços nucleares com a Argentina.

Foi transferido o plano e construído na Argentina um misterioso reator experimental, o MZFR. Uma das qualidades desse reator é que ele produz combustível irradiado o qual, quando reprocessado, produz plutônio de alta qualidade, do nível adequado para a fabricação de armas atômicas. Os americanos ainda usam um reator semelhante para produzir plutônio para bombas nucleares em sua indústria de Savannah River, no estado de Georgia. Em 1968, um acordo secreto entre a Alemanha e a Argentina para a cooperação nuclear foi acertado. E é isso o que permite hoje ao Almirante Castro Madero, acrescenta a B.B.C., de afirmar que " A Argentina não renunciará ao " seu direito " de deflagar uma " explosão nuclear pacífica."

Expostos esses preliminares, fui ao ponto crucial da questão:

- " O Brasil não tem nenhum interesse em produzir bombas atômicas. Mas não pode admitir que em sua área de influência, um vizinho que

-8-

se caracteriza pela presença de militares truculentos, como o demonstram as ameaças ao Chile e a guerra imposta à Inglaterra, tenha em suas mãos com exclusividade um instrumento tão ameaçador como é a capacidade de produzir bombas atômicas. E a questão política e moral que se coloca ante o governo americano é: podem os americanos negar aos brasileiros, seus aliados na defesa da democracia e da liberdade, ideais que nos conduziram a lutar ao lado dos aliados nos campos de batalha da Europa, já que não tínhamos nenhum interesse outro a defender, o direito de não serem gravemente inferiorizados em sua área de influência? Pode um país, com líderes inclinados a soluções de força e que ficou política e moralmente ao lado dos nazistas na última guerra, portanto ao lado dos nossos inimigos comuns, acabar beneficiado por essa posição? Um país que serviu de refúgio a notórios líderes e criminosos de guerra nazistas e por isso mesmo teve como paga de gratidão de um deles, a obtenção de meios para se adiantar perigosamente na pesquisa atômica?

O Brasil é, lembrei, na América Latina, o herdeiro das tradições humanísticas dos portugueses, que detestam a violência e o derramamento de sangue, a ponto de não matarem os touros nas touradas. Resolvemos todos os nossos problemas de fronteiras, sem exceção, por meio de negociações diplomáticas, sem jamais recorrer à violência. Se algum país merece credibilidade pelo seu desamor à violência e respeito às leis internacionais, esse é o Brasil.

Sabia muito bem que o problema, para os E. Unidos, era complexo. Mas, data vênica, sem pretender sugerir como superar a intrincada

HERBERT V. LEVY
DEPUTADO FEDERAL

-9-

questão para os americanos, o que tínhamos o direito de esperar deles é não faltarem aos companheiros de luta comum com a compreensão e colaboração necessárias, não permitindo nossa inferiorização nesse campo.

Acrescentei enfaticamente que o governo brasileiro, para fugir a essa inferiorização, havia realizado um acôrdo em meu entender e de muitos outros, inclusive os maiores especialistas em energia nuclear, ruinoso, ao aceitar a condição imposta para obtermos a tecnologia de enriquecimento do urânio, de construirmos oito usinas nucleares para a produção de energia, usinas de que não necessitamos e nos custam a proibitiva soma de trinta bilhões de dólares, na hora em que já enfrentamos os problemas do superendividamento externo.

Não precisamos dessas usinas (e mostrei os dados - vide anexos I, II e III) porque temos capacidade para produzir energia hidro-elétrica, por um terço do custo, até quase o ano 2010 e possivelmente depois, sendo que quase todos os países com programas de usinas nucleares as estavam abandonando, inclusive até perdendo as somas já investidas (vide anexo). E o engenheiro Eduardo Celestino Rodrigues, um dos nossos maiores especialistas em energia, escolhido pelo governo para Secretário Geral da Comissão Nacional de Energia, propôs em Congresso de Energia realizado no Brasil há apenas três meses, que reduzissemos a sucata (scrap) nossas usinas atômicas, pelo seu alto custo e nenhu-

-10-

ma utilidade. E essa proposta foi aprovada pelo Congresso com apenas duas abstenções.

Portanto, pedia a eles atenção sobre os aspectos econômicos que acabariam nos arruinando, dado o compreensível empenho de não ficarmos inferiorizados em matéria de pesquisa atômica.

Meus interlocutores - todos eles - desde o sr. William Clark, em Brasília, o general Vernon Walters, o sub-secretário Kennedy, o chefe dos problemas de Defesa do Conselho de Segurança, general Boverie e seus dois assistentes, Sven Kraemer e outro cujo nome não guardei, em Washington, ouviram-me atentamente, às vezes interrompendo-me para pedir algum esclarecimento.

O general Walters não repetiu as objeções que me havia feito por telefone. Disse que a Argentina teria pela frente no mínimo três anos antes de poder pensar em fabricar a bomba.

Lembrei-lhe que esse prazo era irrelevante pois chegaria um momento em que eles deteriam com certa exclusividade a tecnologia necessária.

Acrescentou o general Walters, em termos enfáticos, que o Estados Unidos podiam e iriam pressionar a Argentina por todos os meios, inclusive negando o armamento que estava ainda agora querendo comprar nos E. Unidos e pressão de ordem econômica e financeira.

Respondi-lhe que compreendia essa posição, mas ela não daria segurança quanto aos

-11-

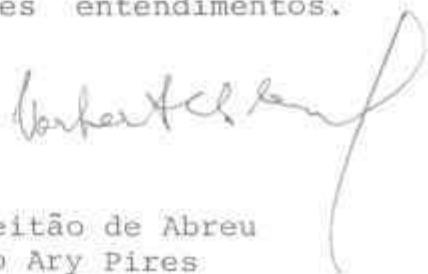
resultados e, assim, não poderia ser considerada uma solução.

Disse-lhe que daí iria ao Conselho de Segurança encontrar as pessoas indicadas pelo ministro Clark e que ambos conheciam bem. E que a eles daria conta do encontro que estávamos tendo para que pudesse haver troca de idéias entre todos para uma solução comum.

O sub-secretário de Estado Richard Kennedy, substituto efetivo do secretário Schultz, que se mostrou muito simpático e receptivo durante todo o encontro, informou-me ao final que iria ao Brasil em janeiro. Trocamos cartões e ele me disse que entraria em contato comigo assim que chegasse.

Quero encerrar este relatório aos dois brasileiros com os quais tenho conversado, um chefe civil e outro militar, afirmando que senti da parte dos meus interlocutores, que os estava colocando diante de um problema merecedor, da parte deles, de grande atenção e boa vontade. E não tenho dúvida de que estamos criando condições capazes de tornar possível uma decisão que leve em conta a posição e os interesses do Brasil.

Tomarei contato com o sub-secretário Kennedy quando ele me procurar em janeiro. Mas creio que já se torna necessário que o Presidente Figueiredo tome conhecimento dos esforços que estamos desenvolvendo e indique pessoa de sua confiança pessoal para prosseguir nestes entendimentos.



HERBERT V. LEVY
DEPUTADO FEDERAL

cc/ Ministro Leitão de Abreu
Gen. Sergio Ary Pires

Anexo #

3.4 Nuclear

Urânio: reservas em 266.300 toneladas de U_3O_8 (óxido de urânio) contido.

Lester R. Brown no seu livro já citado diz: "A Energia Nuclear vista antes como sucessora do petróleo, foi ficando cada vez menos e menos interessante quando novos fatos ficaram conhecidos", e preparou a seguinte tabela de mudança das Projeções sobre Energia Nuclear, em milhões de kW:

Ano da Projeções nos Estados Unidos	Mudança das Projeções sobre Energia Nuclear			
	Final 1980	Final 1985	Final 1990	Final 2000
1972 Atomic Energy Commission	130	268	460	1.010
1975 Atomic Industrial Forum	90	182	340	800
1978 Department of Energy	-	127	200	410
1980 Atomic Industrial Forum	56	104	138	257
Department of Energy	-	98	130	180
Nuclear Regulatory Commission	49	95	126	145
1981 Worldwatch Institute	49	85	120	115

"Muitos países abandonaram seus projetos no meio da construção quando constatarem seus altos custos ... A Alemanha Ocidental está entrando no sexto ano de uma não oficial mas efetiva moratória na construção de suas nucleares. Sua vizinha Áustria, em 1978, suspendeu, até nova determinação, a construção de uma grande usina nuclear. Os países da Europa Ocidental estão diminuindo o ritmo de uso de nucleares. Idem na Europa Oriental. Mesmo na União Soviética os planos estão sendo atrasados."

"O Irã abandonou seu plano e a Coreia do Sul fez o mesmo em 1981. Mesmo a França, cujo programa inicial era ambicioso, está dando hoje menos importância ao mesmo."

"Tem havido um total desencantamento. Entre 1970 e 1976 foram anunciadas 270 nucleares, sendo 9 canceladas. Entre 1977 e 1980, 39 foram anunciadas e 34 canceladas. Nos dados totais de 1979 a proporção das canceladas superou as anunciadas na proporção de 8 para 3."

"O risco de acidentes nucleares é, aparentemente, maior do que se pensava inicialmente. Em 1980 na Tchecoslováquia repetiu-se o incidente de THREE MILE ISLAND, dos Estados Unidos, e a Usina foi fechada."

"As concessionárias que se aventuraram em programas nucleares estão hoje pagando alto preço por essa orientação."

Do noticiário internacional:

- Dezembro/81 - "Service Electric and Gas Co. aprovou abandonar a construção da usina nuclear de Slop Creek, em New Jersey, devido queda no consumo de eletricidade e custos excessivos da usina nuclear. Aproximadamente 18% das obras já estavam executadas."
- Fevereiro/82 - "Washington Public Power Supply System (Estado de Washington, EUA), um consórcio de 89 concessionárias decidiu abandonar a construção de 2 usinas nucleares nas quais já tinham gasto 2,25 bilhões de dólares. Os trabalhos pararam em junho/81 devido ao enorme aumento nos custos. O prejuízo total, incluindo despesas financeiras, atinge 7,4 bilhões de dólares."
- Março/82 - "A TVA americana, depois de investir 2,1 bilhões de dólares na construção de 3 usinas nucleares resolveu interromper as obras." (vide 6.3).

6.3 Custo da Energia Elétrica Colocada nos Centros de Consumo

Estudos da ELETROBRÁS mostram os seguintes custos médios da energia elétrica produzida, transmitida e entregue (sem distribuição) nos centros de consumo (inclui juros durante a construção):

	<u>HIDROELÉTRICAS</u>	<u>TÉRMICAS</u>	<u>NUCLEARES</u> (*)
dólares/1.000 kWh	<u>25</u>	38 a 51	<u>73</u>
até 1995			
	Sudeste, Centro Oeste e Sul		
1996-2000	<u>30</u>	38 a 51	<u>73</u>
	Norte para Sudeste		
	<u>24</u>		

(*) preço da NUCLEBRÁS (48 dólares/1.000 kWh) "com custos financeiros mais realistas", segundo julgamento de FURNAS.

Há dias (04 de março), a Diretoria da TVA, depois de investir 2,1 bilhões de dólares na construção de 3 usinas nucleares, resolveu interromper as obras. Na reunião da Diretoria da TVA que tomou essa resolução, o Diretor, David Freeman, assim votou:

./.

" ... Estas três unidades estão agora avaliadas em oito vezes o preço avaliado originalmente ... O preço médio avaliado da eletricidade produzida por estas três unidades está agora ao redor de 130 dólares/1.000 kWh, enquanto o preço de venda médio da TVA hoje é de apenas 38 dólares/1.000 kWh. Eletricidade a 130 dólares/1.000 kWh não promove crescimento econômico e sim constituirá uma pesada taxaço na Indústria e outros consumidores e, provavelmente, será um entrave na Economia. "

Como se vê, o próprio 73 dólares/1.000 kWh corrigido por FURNAS na parte financeira é subavaliado. Não vamos ter a pretensão de instalar Usinas Nucleares a preços inferiores ao da TVA, que tem um dos maiores conjuntos de Usinas Nucleares do mundo.

Neste trabalho evitei dar minha opinião pessoal sobre Energia Nuclear. No Capítulo 3.4 Nuclear citei trechos do livro de Lester B. Brown e notícias de cancelamento de nucleares.

Agora, dou números oficiais e números de custo da TVA.

Informações de fonte, a mais fidedigna, me dizem que temos com promisso de comprar só 4 usinas alemãs em troca de tecnologia e não 8.

Estávamos comprando inicialmente porque precisávamos de energia (na verdade não precisávamos).

Agora não estamos precisando energia, mas teimamos em 8 (já quiseram muito mais) por causa da TECNOLOGIA.

Portugal descobriu o mundo com uma só ESCOLA DE SAGRES. Nós, para aprendermos, precisamos de 8 e, como somos burros, de 8 iguais, que vão dar ao País um custo a mais em relação às hidroelétricas de 2,4 bilhões de dólares por ano.

O Brasil não merece, e não aguenta isso.

STRICTLY RESERVED

New York, December 13, 1982

On December 1, in Brasília, I participated in the group of parliamentarians invited to meet President Ronald Reagan at Alvorada Palace. Having been informed that it would be a collective meeting, I sought contact with Judge William Douglas Clark, chief assistant to the President for security questions, with ministerial rank. The financial executive David Rockefeller, with whom I had had a long conversation a few days before at the close of a luncheon offered by Paulo Villares, a well-known Brazilian businessman and member of the Board of Chase Bank, who had recommended to me to that it was more important to talk about these questions with Clark rather than with the President himself, since he would refer the matter to his assistant in any case.

William Douglas himself suggested that we talk during some opportunity afforded by the presidential visit. Since a collective meeting did not seem to be of much interest, Judge Clark and I went to another room at Alvorada Palace and I made a complete report on the matter. He listened very carefully. I said it was my personal initiative but that the Minister closest to the President was fully informed about it, as well as one of my friends, a military chief deservedly much respected by his peers.

I explained that for the time being I understood it convenient to limit these contacts to the civilian and military sphere, leaving to the best judgment of President Figueiredo and high rank military chiefs the steps to take the matter further should we find a favorable disposition to solve the issue from the competent American authorities. I stressed that I knew that it was a complex matter and that I did not expect an immediate response but I would be in Washington on 9 December and would like to have the contacts that he considered useful.

I also said that I had already mentioned the issue to general Vernon Walters, with whom I had had personal contacts when he was the military attaché in Brasília at the time when my nephew Robert Dean was minister-counsellor. In fact, I had sent a very detailed letter to my nephew, who in turn sent it to Walters. Their relations became closer in recent times because one of Dean's daughters (he is married to Doris May, a Brazilian, daughter of my sister Wanda, already deceased) had married a nephew of general Walters.

A few days after learning from Dean that my letter had been sent to Washington, I called the general. Walters received my call with good will and said the Dean had informed him about the letter but that he had not yet received it. I called him again a few days later. He spoke again only in Portuguese and when I said I would be in Washington on the 9th he offered to receive me at my convenience in the Department of State and would take me to Richard Kennedy, the Undersecretary of State, and not an undersecretary in charge of atomic matters. He was also the representative of the United States at the International Atomic Energy Agency. He warned me, however, that it might be difficult for him to help us because of legal constraints and that until now Brazil had not signed the non-proliferation treaty. I said that this could be the key to a broader understanding between Brazil and the United States and that once the problem I had explained was resolved, it was obvious, in my understanding, that our participation in that treaty was possible.

But coming back to Judge William Clark, he did not make any comment at the end of my presentation, but took me to his office located at Alvorada Palace, directing his secretary Mrs. Hill to set an appointment for me for the 9th, in Washington, with general Richard T. Boverie, Director of Defense Programs at the National Security Council, together with Mr. Svend Kraemer, whom I understood to be a high rank advisor.

Later on, still on December 1, at the dinner offered to President Reagan at Itamaraty, I saw Mr. William Clark and from his friendly attitude I got the clear impression that he had appreciated our conversation. This was confirmed in Washington because general Boverie and two assistants received me very amiably and respectfully, an attitude I could only attribute to the information sent by Clark. I must add that I had given to the latter, in Brasília, the text in English broadcasted by BBC that revealed with details the help received by Argentina from a former Nazi refugee, Knarr, who

after having remained in Argentina for ten years, providing assistance in the manufacture of armaments and in atomic research, was recalled to Germany during the Strauss government in order to manage an arms factory. To demonstrate his gratitude, he sent covertly to that country a complete laboratory of advanced research on uranium enrichment, which provided Argentina with considerable headway in that field.

Washington

In Brasília, at the Reagan dinner, Ambassador Azeredo da Silveira sat at the same table as I. I did not intend to bring him into the matter, because discretion was of the essence. But I could not help telling him that I would travel to Washington on the 9th since he would come to know and would be offended if I did not inform him. He immediately invited me for lunch at the official residence. I said I would be pressed for time but he assured me that he would fit the luncheon into my schedule.

From Dallas I confirmed my departure and the luncheon, and he was kind enough to send a car for me at the airport and assigned Secretary Carvalho to assist me. I excused myself and left immediately after dessert since my first meeting with general Walters had been set for 2:15 PM, asking for excuses for acting like a skinny dog. From Dallas I had not re-confirmed that meeting but general Boverie also agreed to see me at my convenience on that day, setting an appointment with me for 3:30.

My first meeting was at the New State Department at General Walter's office, number 6313. He received me very effusively, speaking only in Portuguese.

I had a proof of his great prestige as Ambassador-at-large for President Reagan since instead of taking me to Undersecretary Kennedy's office, Walters called him on the phone and asked him to come to his office. Apparently, Kennedy was already expecting to be called.

Undersecretary Richard Kennedy is an amiable, white haired person who seems to be 65 or over.

I repeated to both gentlemen the exposé I had made to William Clark in Brasília, which I summarize below:

" - In December 1944 I was in Buenos Aires and participated in a luncheon with my father-in-law, Professor of Law Waldemar Ferreira, and the vice-president of the Argentine Republic, professor Leopoldo Melo, a friend of Dr. Waldemar. He said that we Brazilians had done the right thing by fighting alongside the Allied forces, which were going to win the war and we would be politically and economic rewarded as a result of our position. Whereas they in Argentina, (five months before the end of the war) had military chiefs firmly positioned with the Nazis who still believed a victory of the latter, due to secret arms that were being prepared.

□□□□ Since the war was over, it was a well-known fact that Argentina had become a refuge for Nazi leaders. Among them was a specialist in explosives, Walter Schnurr.

. When the Malvinas (Falklands) war broke out, a BBC broadcast on April 22, 1982 (whose integral text in English was handed to me by the Ambassador in Brasília, my personal friend), gave a detailed account of German cooperation in nuclear research in Argentina. It should be noted that the "Estado de São Paulo" published a summary of the BBC denunciation and informed that it had caused quite a stir in Western Germany, but instead of a denial, the respected magazine Der Spiegel confirmed it entirely.

. I had singled out some relevant passages in the original copy I had handed to my interlocutors in Washington, which I reproduce below:

□□

"Spy novels and movies made the Nazi link with South America seem like a bad taste joke, but in the case of Argentina this link was very real and the nuclear consequences are today immediate and potentially dangerous. Former explosives expert Walter Schnurr managed arms factories in Christianstadt, today Polish territory. After the war he refused to remain in occupied Germany and flew to Argentina, where he joined other German refugees in the attempt to build the country's industrial and military strength. He stayed in Argentina for a decade, working in explosives for Perón, and then went back to Germany at the invitation of Franz Joseph Strauss, the prime minister since 1955, to be the scientific director of

the new German nuclear research center, located in Karlsruhe".

The following BBC report clarifies that Walter Schnurr devoted himself wholeheartedly to the task of solidifying the controversial nuclear relationship with Argentina.

The plan was shifted to Argentina and a mysterious reactor, the MZFR, was built. One of the features of this reactor is that it produces an irradiated fuel which, when reprocessed, yields high quality plutonium, of the level needed for the manufacture of nuclear weapons. The Americans still use a similar reactor for plutonium production for nuclear weapons in their Savannah River plant, in the state of Georgia. In 1968, a secret agreement between Germany and Argentina for nuclear cooperation was concluded. This is what allows Admiral Castro Madero, added BBC, to say today that "Argentina will not renounce its right to make a "peaceful nuclear explosion".

Having presented those preliminary points, I dealt with the central issue:

"Brazil has no interest in producing an atomic bomb. But it cannot accept that in its area of influence, a neighbor known by the presence of truculent military, as was seen by the threats to Chile and the war imposed on England, has in its hands with exclusivity an instrument so threatening as the capability to produce atomic bombs. This is the political and moral question that is before the United States government: can the Americans deny Brazilians - their allies in the defense of the ideals of democracy and freedom that led us to fight alongside the Allied forces in the battlefields of Europe, since we had no other interest to uphold - the right not to be placed in an inferior position in their area of influence? Can a country that has biased leaders and solutions of force, - which stayed politically and morally side by side with the Nazis during the last war, that is, alongside our common enemies - end up by profiting from such position? A country that served as refuge to notorious Nazi leaders and war criminals and received as reward in gratitude from one of them, the acquisition of means to advance dangerously in nuclear research?

I recalled that Brazil is the heir in Latin America of the Portuguese humanistic traditions that abhor violence and bloodshed, to the point of not slaughtering the bulls in their bullfights. We solved all our border questions, without exception, through diplomatic negotiations and never resorting to violence. If there is a country worthy of credibility for its repudiation of violence and respect to international law, that country is Brazil.

I knew quite well that it was a complex problem for the United States. But may I say, without pretending to solve this difficult question for the Americans, we had a right to expect from them not to neglect their comrades in the common fight with the necessary comprehension and understanding, not permitting our inferiority in this situation.

I added emphatically that the Brazilian government, to escape this inferiority, had made an agreement which in my opinion, and in that of many others, including important specialists in nuclear energy, was ruinous, by accepting the condition imposed in exchange for the acquisition of uranium enrichment technology, to build eight nuclear plants for the production of energy. Plants that we do not need and cost us the prohibitive sum of 30 billion dollars, at a time when we were already facing the problems of external indebtedness.

We do not need these plants (and I presented the data - see Annexes I, II and III) because we have the capability to produce hydroelectric power, at a third of the cost, by almost the year 2010 and possibly beyond, where almost every country with nuclear plant programs are giving them up and even losing their investment (see annex). And Engineer Eduardo Celestino Rodrigues, one of our leading specialists in energy, just appointed by the government to the position of Secretary General of the National Energy Commission, proposed at an energy Congress held in Brazil only three months ago, that we should give up the scrap of the nuclear plants because of their high cost and lack of utility. And this proposal was approved by the Congress with only two abstentions.

Therefore, he called for attention to the economic aspects that would end by ruining us, given the understandable endeavor to avoid being in an inferior situation in atomic research.

My interlocutors - all of them, from Mr. William Clark, in Brasilia, general Vernon Walters, Undersecretary Kennedy, the head of defense issues at the National Security

Council, general Boverie and his two assistants, Sven Kraemer and the other one whose name I did not take down, in Washington, listened attentively and sometimes interrupted me to ask for some clarifications.

General Walters did not repeat the objections he had made by telephone. He said that Argentina would need at least three years before it could think of producing the bomb.

I reminded him that this delay was irrelevant because the moment would come when they would possess the necessary technology with certain exclusivity.

General Walters added emphatically that the United Nations could and would pressure Argentina through all available means, including denying arms that they now wanted to buy in America and also by exerting economic and financial pressure.

I replied that I understood that position, but it could not provide security as to the results and thus, could not be considered a solution.

I said that I would then go to the Security Council in order to meet the people mentioned by Minister Clark, whom both knew well, and that I would apprise them of our meeting so that all involved could exchange ideas in search of a common solution.

Undersecretary of State Richard Kennedy, deputy to Secretary Schultz, who had a very friendly and receptive attitude during the meeting, informed me at the close that he would travel to Brazil in January. We exchanged cards and he said he would contact me upon arrival.

I want to close this report to the two Brazilians with whom I have been talking, one a civilian authority and the other a military chief, by stating that my interlocutors gave me the impression that I was bringing them a problem deserving their utmost attention and good will. I have no doubt that we are creating conditions that can make possible a decision that takes into account the interests of Brazil.

I shall contact Undersecretary Kennedy when he visits me in January. But I believe it is already necessary that President Figueiredo be apprised of the efforts we have been exerting and that he names a trustworthy person to pursue these understandings.

(Signed) Herbert Levy - Federal Congressman

Cc/ Minister Leitão de Abreu

Gen. Sergio Ary Pires

ANNEX I -

3.4 Nuclear

Uranium: reserves of 266.300 tons of U3O8 (Uranium oxide).

In his book quoted above, Lester R. Brown stated that "Nuclear energy, once seen as the replacement of petroleum, has become less and less interesting as new facts became known" and prepared the following table of change in the Projections for Nuclear Energy in million Kw:

□□□

□□□□

Changes in projections on nuclear energy □□□

□□□□

Year of projections in the USA

End 1980

End 1985

End 1990

End 2000 □□□

□□□□

1972

Atomic Energy Commission
1975
Atomic industrial Forum
1978
Department of Energy
1980
Atomic Industrial Forum
Department of Energy
Nuclear Regulatory Commission
1981
Worldwatch Institute

130

90

-

56

-

49

49

268

182

127

104

98

95

85

460

340

200

136

130

126

120

1.010

800

410

257

180

145

115 □□ □□

"Many countries gave up their projects in the middle of construction when they realized the high cost... Western Germany is entering the sixth year of a non official but effective moratorium on the construction of its nuclear plants. Its neighbor Austria, suspended in 1978, until a new decision, the construction of a large nuclear plant. Western European countries are decreasing the pace of the use of nuclear power. The same in Eastern Europe. Even in the Soviet Union plans are being delayed."

"Iran abandoned its plan and South Korea did the same in 1981. Even France, whose initial program was ambitious, is today giving it less importance".

"There has been total disenchantment. Between 1970 and 1978, 270 nuclear plants were announced, and 9 were cancelled. Between 1977 and 1980, 39 were announced and 34 cancelled. Total data for 1979 show that cancellation surpassed announcements at a proportion of 8 to 3."

"The risk of nuclear accidents is seemingly greater than initially believed. In 1980, in Czechoslovakia, the Three Mile Island USA incident was repeated and the plant was shut down".

"The concessionaries that ventured into nuclear programs are now paying a high price for that decision"

From international news:

□□ December 1981- Service Electric Gas Co. decided to abandon the construction of the nuclear plant at Slop Creek, in New Jersey, due to the fall in the consumption of electricity and the excessive cost of the nuclear plant. Approximately 18% had already been built."

. February 1982 - "Washington Public Power Supply System (Washington State, USA) a consortium of concessionaries, decided to abandon the construction of two nuclear power plants in which they had already spent 2.25 billion dollars. Work was stopped in June 1981 due to the enormous increase of cost. The aggregate loss, including financial costs, came to 7.4 billion dollars"

. March 1982: "American TVA decided to discontinue the works after having invested 2.1 billion dollars in the construction of three nuclear power plants".

□□

ANNEXES II and III

6.3 - Cost of electric energy at consumption centers:

Studies by Eletrobrás reveal the following average costs of production, transmission and delivery of electric power (excluding distribution) at consumption

centers (includes interest during construction).

	Hydro	Thermal	Nuclear
Dollars/1.000 Kw until 1995	25	38 to 51	73
1996-2000	Southeast, Center West and South		
	30	38 to 51	73
	North to Southeast		
	24		

(*) Nuclebrás price: 48 dollars/1.000 Kw) with more realistic financial costs, according to assessment by FURNAS.

A few days ago (March 4) the Board of Directors of TVA, after having invested 2.1 billion dollars in the construction of three nuclear power plants, decided to stop work. At the Board meeting that took that decision, Director David Freeman cast the following vote:

"... These three units are now estimated at eight times the price previously assessed... The average price estimated for electricity produced by these three units is now about 130 dollars per 1.000 Kwh, while the TVA average selling price is today only 38 dollars/1.000 Kwh. Electric power at 130 dollars per 1.000 Kwh does not promote economic growth but will instead be a heavy tax on industry and other consumers besides being probably a burden for the economy."

As can be seen, the very 73 dollars/1.000 Kwh corrected by FURNAS for the financial part is underestimated. We cannot pretend to install nuclear plants at lower prices than TVA, which possesses one of the largest conglomerates of nuclear power plants in the world.

In this study I avoided giving my personal opinion on nuclear energy. In Chapter 3.4 (Nuclear) I quoted sections of a Lester R. Brown book and news on cancellations of construction of nuclear plants.

I now present official figures and figures of TVA costs.

Information from trusted sources tells me that we are committed to purchasing only four German plants in exchange for technology, and not eight.

We were going to buy initially because we needed energy (in fact we did not).

We do not need energy now, but we are stuck with 8 (they had wanted more) because of the technology.

Portugal discovered the world with only one Sagres School. We need eight to learn, and because we are dumb, eight of the same, which will represent for the country an increased cost of 2.4 billion dollar a year compared with the hydro plants.

Brazil does not deserve this and cannot stand it.